



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

Monografia de Graduação

Daniel Contreira Falleiros

180061585

Prof. Dr. Frederico Bertholini Rodrigues

**O POPULISMO E A CAMPANHA DE JOÃO DÓRIA EM 2018: UMA ANÁLISE
TEXTUAL**

Brasília, 2022

O POPULISMO E A CAMPANHA DE JOÃO DÓRIA EM 2018:

Uma análise textual

Monografia apresentada ao Instituto de
Ciência Política da Universidade de Brasília
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Bacharel em Ciência Política.

Orientador:

Frederico Bertholini Rodrigues

Examinador/a:

Brasília - DF

2022

AGRADECIMENTOS

Deixei essa parte da monografia por último em razão de não saber muito bem como fazer esses agradecimentos. A UnB representou dois papéis muito distintos em minha vida desde 2018: até o início da pandemia, abriu um lago para um mergulho profundo no mundo, em mim mesmo, nas letras, na ciência, no empurrar da minha mente até onde eu não sabia que ela podia chegar. Por outro lado, depois da pandemia, as limitações para exercer a liberdade que me dava a experiência universitária foram extremas: a falta de contato com os pares, com os professores, o respirar e caminhar depois de uma aula importante, o tempo que passava sem pressa dentro do campus, tudo isso se diluiu.

Em todos esses momentos, pude contar com o respeito dos meus pais, que me apoiaram do jeito que conseguiram em todas as minhas decisões. Pude contar com as risadas e o ombro dos amigos, também, Thales, Thaís, Vini, Burity, Juca, enfim, muitos. Foi uma jornada divertidíssima.

Agradeço a Darcy, Levi-Strauss, Lefevbre, Villaça, os autores de PB2 e a todos que me mostraram novas formas de enxergar o mundo ao meu redor, a Universidade é um dos espaços mais livres e incríveis que pude frequentar.

Que a busca por uma mente que pensa por si e pela sensação de aprender algo novo não cesse nunca. O conhecimento me mudou e mudará mais ainda ao longo da vida.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender as dimensões da figura política de João Doria durante as eleições no estado de São Paulo em 2018 sob a ótica da literatura sobre populismo. Sabe-se que o então candidato do PSDB ao governo de São Paulo aproximou-se do reconhecidamente populista Jair Bolsonaro e promoveu uma ruptura com alas de seu partido, unindo-se a uma tendência na direita brasileira, também explorada neste trabalho, que colheu bons frutos eleitorais em 2018. Nesse sentido, utiliza-se contribuições da metodologia de Marijana Grbeša e Berto Šalaj para analisar entrevistas de João Doria no período eleitoral e identificar possíveis enquadramentos populistas em suas falas à imprensa.

Palavras-chave: populismo; João Doria; eleições brasileiras de 2018; bolsonarismo.

ABSTRACT

This paper aims to understand the dimensions of João Doria's political figure during the 2018 elections in the state of São Paulo from the perspective of the literature on populism. The then-candidate of the PSDB for the government of São Paulo approached the recognizably populist Jair Bolsonaro and promoted a rupture with wings of his party, the PSDB, joining a trend in the Brazilian right explored in this work, which reaped good electoral fruits in 2018. In this sense, we use contributions from the methodology of Marijana Grbeša and Berto Šalaj to analyze João Doria's interviews in the electoral period and identify possible populist framings in his speeches to the press.

Keywords: populism; João Doria; 2018 Brazilian general election; bolsonarism.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	6
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 2	11
POPULISMO: AVANÇOS TEÓRICOS NO CAMPO DE ESTUDO	11
2.1 - PSDB em conflito, Doria em ascensão	14
2.2 - O antipetismo como discurso eleitoral	17
2.3 - A direita brasileira em 2018	18
CAPÍTULO 3	20
METODOLOGIA	20
CAPÍTULO 4	24
ANÁLISE TEXTUAL	24
4.1 - Primeiro turno	24
4.2 - Segundo turno	29
4.3 - Doria e as dimensões do populismo	33
CAPÍTULO 5	36
CONCLUSÃO	36
CAPÍTULO 6	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

João Doria Jr. foi eleito governador de São Paulo no ano de 2018 em uma eleição com características que destoam de outros momentos históricos. O PSDB, seu partido, havia vencido as três disputas anteriores sem a necessidade de um segundo turno: José Serra em 2006 e Geraldo Alckmin em 2010 e 2014 obtiveram mais de 50% dos votos válidos no estado em primeiro turno, derrotando coligações com quatro ou mais partidos em todos os anos. Em 2018, no entanto, Doria superou Márcio França (PSB) em uma decisão acirrada — 51,75% contra 48,25% do socialista —, evidenciando um contraste entre o pleito de 2018 e as eleições estaduais anteriores, mais confortáveis para o PSDB. O ano de 2018 também marca o estopim de um conflito interno dentro do partido envolvendo João Dória e Geraldo Alckmin, então tradicional figura pessedebista e considerado padrinho político do empresário, pelo protagonismo dentro do partido¹ e, posteriormente, por conta da trajetória escolhida por Doria durante a eleição, que passou a integrar a rede de apoio de Jair Bolsonaro, então candidato do PSL, gerando desentendimentos entre fiadores da candidatura de Alckmin e alas do partido que interessaram-se pela ascensão de Bolsonaro.

1

<https://www.poder360.com.br/opiniao/alckmin-tem-9999-de-chances-de-ser-candidato-tucano-ao-planalto/>

Doria, naquele contexto, era uma liderança política em ascensão que buscava ampliar sua influência política para além do espaço que o PSDB lhe concedia². Suas estratégias eleitorais nesse contexto foram pouco observadas pela ótica dos estudos sobre populismo na Ciência Política. A decisão de afrontar alas incontestes do PSDB, seus caciques — para além de Alckmin, tornou-se notória a briga de Dória com Alberto Goldman, a quem o empresário chamou de “improdutivo e fracassado”³ — e seus interesses enquanto partido em prol da anexação de sua imagem à de um promissor candidato de extrema-direita como foi Jair Bolsonaro constitui um movimento eleitoral interessante para o campo de estudos do populismo.

Há de ser levado em conta, também, para analisar as eleições de 2018, seu reduzido calendário de campanha⁴: até então, três meses do ano eram dedicados às campanhas eleitorais, tempo suficiente para o espalhamento de propaganda política a um largo número de pessoas e para debates mais longos sobre as propostas de cada candidato; naquele ano, o período eleitoral passou a vigorar durante apenas 45 dias, fator que pode ter contribuído para a busca de novas estratégias de comunicação política. Doria era, portanto, um candidato às eleições para governador em um contexto incomum — para além do período de propaganda reduzido, a hegemonia do PSDB no estado estava ameaçada pela candidatura de Márcio França, ex-aliado do partido — e que dentro do próprio PSDB acumulava opositores; nesse contexto, Doria apostou em uma comunicação atenta às dinâmicas da internet, dando prosseguimento ao modelo de sua campanha à prefeitura de São Paulo no ano de 2016 (BORGES, 2019) e contendo claro direcionamento anti-elitista, apontando inimigos a serem combatidos — o PT, o PSB de França e a esquerda como um todo — e mobilizando a questões

2

<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/12/03/Qual-a-mudan%C3%A7a-no-discurso-de-Doria-sobre-Alckmin>

3

<https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/04/01/doria-ja-teve-pelo-menos-7-outras-polemicas-e-brigas-no-psdb-relembre.htm>

4

https://www.justicaeleitoral.jus.br/++theme++justica_eleitoral/pdfjs/web/viewer.html?file=https://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/calendario-eleicoes-2018/@@download/file/Calend%C3%A1rio%20-%20Elei%C3%A7%C3%B5es%202018.pdf

latentes no debate público naquele ano, como a que diz respeito à segurança pública, cara ao fenômeno eleitoral bolsonarista (RENNÓ, 2020).

Esse conjunto de fatores torna a figura de João Doria e o recorte de sua movimentação em 2018 objetos de estudo válidos do ponto de vista da literatura sobre populismo e sobre a reorganização da identidade da direita brasileira durante a década de 2010, que se inicia com o ex-Presidente Lula da Silva (PT), com mais de 80% de aprovação da opinião pública no fim de seu segundo mandato presidencial, conduzindo uma sucessora ao Palácio do Planalto, e termina com Jair Bolsonaro no poder.

Há um debate vigente no campo de estudos sobre populismo entre autores que o conceituam como uma ideologia e, partindo desse ponto, empreendem análises buscando os elementos que compõem o tronco desta ideologia, suas possibilidades e limites e suas ocorrências em diferentes ambientes políticos. Essa compreensão parte de um conceito essencial: populistas são políticos que enxergam a sociedade de uma maneira maniqueísta, em que há um povo bom e virtuoso explorado por uma elite perversa. Mudde (2004) é um desses autores, e reforça o caráter divisor entre um grupo bom homogêneo e um grupo antagônico na sociedade (MUDDE, 2004, pp. 543; 544).

Há, por outro lado, uma parcela de autores que entendem o populismo como um estilo, isto é, uma ferramenta discursiva utilizada por uma variedade de atores políticos — da esquerda ao centro, do centro à direita — para ampliar sua abrangência popular e solidificar uma rede de apoio mais ampla. Essa tática de comunicação compreende uma escolha de palavras mais simples e diretas e o uso de *significantes vazios* — termos inconclusivos e capazes de despertar identificação em pessoas de diferentes partes do espectro político, como “esperança”, “liberdade” e “mudança”.

Azevedo (2019) trata o populismo enquanto estilo como o uso de discursos com elementos padronizados e limitados, mas que ainda deixam espaço para serem preenchidos com conteúdos específicos e adaptados às circunstâncias locais ou a

projetos políticos distintos. Nesse sentido, funcionam como um instrumento a ser utilizado de acordo com sua conveniência e utilidade por políticos que visam bons resultados eleitorais. Aqui, a ideia de mensurar o populismo é facilitada: a abordagem permite compreender o fenômeno do ponto de vista da gradação — pode estar presente em maior ou menor grau quanto de um ponto de vista qualitativo, a depender da combinação dos elementos e da direção em que os elementos são preenchidos. A análise textual que se empreende no presente trabalho, portanto, absorve avanços da compreensão do populismo como estilo (AZEVEDO, 2019, p. 7).

Marijana Grbeša e Berto Šalaj (2019), diante da dicotomia instalada na produção acadêmica sobre populismo, propõem um novo olhar metodológico para a observação desse fenômeno político. Os autores partem do princípio de que não é necessário tratar as duas formas de conceituação do populismo como antagônicas ou restritivas: pode-se buscar uma intersecção e fazer uso das duas definições para o exame da realidade. Cria-se, então, um caminho metodológico que busca conciliar essas duas visões a partir de uma análise textual que entende que há mais de um tipo de político populista: observa-se o populista “por ocasião”, que não necessariamente enxerga a sociedade como uma disputa antagônica entre povo e elite, mas que faz uso de ferramentas discursivas populistas para alargar a incidência de sua figura no eleitorado, e o político autenticamente populista, isto é, que de fato traduz em seu discurso elementos consensualmente entendidos como populistas. Aplicando o método de análise textual de Grbeša e Šalaj às participações do candidato João Doria em sabatinas com jornalistas e entrevistas a meios de comunicação durante o segundo semestre do ano de 2018, será possível compreender com maior profundidade a estratégia de comunicação com o eleitor de Doria e localizar sua candidatura no cosmos das escalas de populismo; nesse sentido, deve-se responder à seguinte pergunta: o discurso de Doria, aplicado o método de análise textual de Grbeša e Šalaj, foi populista?

O objetivo do trabalho, então, é entender as dimensões da figura política de João Doria e os detalhes de sua retórica a partir de um empreendimento de análise

textual que abrange pesquisa quantitativa e qualitativa a fim de identificar possíveis enquadramentos populistas em falas durante sua jornada eleitoral de 2018. Os resultados da análise poderão abrir precedentes não só para uma compreensão mais larga de Doria enquanto um estrategista político e candidato competitivo, mas também para um exame amplo do cenário político de 2018 e das ferramentas discursivas escolhidas pelo campo da direita naquele pleito, influenciadas por Jair Bolsonaro e, dado o contexto, exploradas por Doria.

Na primeira parte do trabalho, é promovido um aprofundamento nos marcos teóricos do populismo enquanto disciplina; são expostos os pilares do campo de estudos a fim de avançar nas definições do que é populismo e expor discordâncias recorrentes na literatura. Na sequência, são realizadas contextualizações históricas e resgates teóricos sobre o PSDB, cujos conflitos internos na segunda metade da década de 2010 são componentes indissociáveis em uma recapitulação dos motivos pelos quais o então empresário em ascensão na política optou por aliar-se a Jair Bolsonaro. Em um terceiro momento, o antipetismo enquanto força capaz de determinar votos é analisado visando inserir a escolha discursiva de Doria — a de colocar-se como o candidato anti-PT — em um contexto mais amplo, capaz, também, de indicar as tendências que levaram o campo da direita a vitórias importantes nas eleições de 2018. Para isso, faz-se uso da literatura sobre comportamento eleitoral da Ciência Política brasileira que se ocupou, entre 2016 e 2020, a compreender as mudanças nos perfis do eleitorado, descortinando o deslocamento para a direita de parte relevante do eleitorado brasileiro. Em seguida, o trabalho analisa especificamente o eleitorado bolsonarista em 2018: suas demandas, preferências discursivas e temas de maior capilaridade dentro deste grupo social.

Concluída a inserção do presente trabalho dentro da literatura contemporânea da Ciência Política, é apresentada a metodologia que orienta este trabalho — a análise textual de Grbeša e Šalaj — e os materiais escolhidos para a realização da análise. Com a indicação da metodologia, passa-se à descrição da análise e aos resultados que se tiram dela, observados na conclusão.

CAPÍTULO 2

POPULISMO: AVANÇOS TEÓRICOS NO CAMPO DE ESTUDO

O presente trabalho se insere no campo de estudos sobre populismo na Ciência Política e transita pelos caminhos pavimentados por Grbeša e Šalaj (2019), que identificam duas correntes principais no estudo sobre populismo: a primeira entende o populismo como uma ideologia em si; aqui usa-se, comumente, a imagem de que o populismo é uma ideologia de centro-fino (*thin-centered*), ou seja, uma ideologia abrangente e que pode variar de acordo com o contexto. Nessa ideologia, o tronco de elementos que se unem é relativamente simples, não muito complexo, tendo um núcleo de conceitos reduzido. Esse centro-fino pode ser exemplificado com a dicotomia entre um povo virtuoso e uma elite perversa que o explora; na conceituação de populismo, esta é uma característica comum a todos os processos analisados, independente do contexto geográfico ou temporal.

Cas Mudde empreendeu estudos que compõem o pilar da teoria sobre populismo e influenciou diretamente o trabalho de Grbeša e Šalaj: para ele, o populismo enxerga uma divisão na sociedade entre dois grupos homogêneos e antagônicos: de um lado, tem-se um povo puro e idealizado e, do outro, uma elite corrupta, que acaba por oprimir o primeiro grupo. A política populista, nesse sentido, atende a uma suposta vontade geral desse grupo oprimido (2004, 543 em Grbeša, Šalaj (2019), p. 69).

A ideia de elite, por si só, é um conceito incompleto que permite diversas interpretações de acordo com a posição do indivíduo no espectro político. Um político populista de esquerda está mais próximo de considerar bilionários, banqueiros ou representantes do sistema financeiro como classes que ameaçam a vida plena de um povo virtuoso do que um político de direita; ao mesmo tempo, mirando os olhos ao

contexto europeu, um populista de direita tende a enxergar elites liberais pró-imigrantes como inimigos. Elucidar este ponto é metodologicamente importante: mapeando com maior precisão os alvos, é possível entender o comportamento de populistas e distingui-los de políticos comuns que apenas usam retóricas mais incisivas em busca de ganhos eleitorais (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019).

O presente trabalho, embora preserve o caminho metodológico de Grbeša e Šalaj, que estudam um caso europeu, não é o primeiro que busca compreender o populismo na América Latina sob as lentes da abordagem ideacional e do empreendimento de análises textuais: Abi-Hassan (2019) faz uso do marco teórico ideacional reservando grande atenção às idiosincrasias dos processos políticos latino-americanos, o que, observadas as diferenças entre Venezuela e Brasil, também contribuiu para o desenvolvimento da análise do contexto da direita brasileira em 2018 e das falas de João Doria durante o período eleitoral.

O argumento de que é preciso despersonalizar o populismo, isto é, impedir sua compreensão a partir de identidades e imprimir mais foco em seu caráter instrumental é englobado pela abordagem do populismo enquanto estratégia de comunicação (AZEVEDO, 2019). Essa é a segunda abordagem de populismo utilizada por Grbeša e Šalaj (2019). Aqui, não serão analisadas as características ou nuances dos políticos em si, mas de suas mensagens (AZEVEDO, 2019; GIDRON & BONIKOWSKI, 2013). Os autores que seguem essa linha de raciocínio pensam o populismo como uma ferramenta utilizada por políticos para garantir visibilidade, incidência e, por consequência, apoio da população. Há, também, algumas divergências: os teóricos dessa vertente divergem em alguns aspectos referentes à conceituação, tendo em vista que Brubaker (2019, apud AZEVEDO, 2019), por exemplo, vê o populismo como um repertório discursivo e Jagers e Walgrave (2007) o compreendem como um estilo de comunicação política.

Grbeša e Šalaj (2019) buscam uma alternativa que possa superar as limitações dos polos de compreensão sobre populismo: assim, o objetivo dos autores não é

argumentar em favor de uma abordagem específica, mas observar convergências discursivas entre candidatos e teoria que possam indicar comportamentos populistas. Os esforços correm no sentido de conciliar as duas formas de pensamento, não as tratando como excludentes, e estabelecendo uma gradação entre essas formas de populismo. Casos de *light populism* seriam identificados como ocorrências de estratégias de comunicação de candidatos sem firmamento de compromisso ideológico e, portanto, exemplos de populismo como estilo. A incidência de *hard populism*, isto é, quando é possível identificar que o político entende a disputa política como um cenário de embate antagônico entre bem e mal, indicaria o caso de populismo como uma ideologia. Grbeša e Šalaj (2019) aceitam a gradação como uma ótica válida para se medir populismo, mas evitam a ideia de que deve-se dar ao fenômeno a roupagem de ideológico ou discursivo, apenas.

Os autores vão, então, no sentido de combinar ambas as compreensões. Essa combinação de visões para a classificação do populismo na atuação política de um candidato permite uma distinção mais precisa, segundo os autores, sobre o grau de populismo nos discursos analisados. Para eles, no entanto, essa definição tem contornos evidentes: a incidência de um discurso pró-povo é um elemento central do populismo, mas que sem a combinação com um ressentimento contra elites, é insuficiente para uma configuração populista ideológica, servindo apenas para enquadrar o político em uma circunstância de populismo como estilo (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 69).

Este trabalho, nesse sentido, busca localizar o candidato ao governo do estado de São Paulo João Doria nesta gradação: a aproximação de Bolsonaro, político reconhecidamente populista (FERES JÚNIOR; GAGLIARDI, 2021) em uma eleição arriscada para o candidato do PSDB, quando se analisa os discursos do então candidato ao governo estadual, insere Doria em que posição da gradação sobre populismo, se houver a confirmação metodológica de populismo em seus discursos?

É escolhido o método de análise de discursos e falas de Doria por conta dos avanços de, principalmente, Aslanidis (2018), que conclui que a maneira mais clara para se localizar enquadramentos populistas é a partir do discurso de político. A palavra, aqui, ganha força como definidora do perfil de um político: é a partir das escolhas verbais e textuais que faz um determinado candidato ou governante que se pode compreender um possível caráter populista de sua atuação. Assim, se o populismo só é visível enquanto discurso, é a partir de falas de Doria que se tem a fonte mais segura para localizá-lo no espectro do populismo.

Além de reproduzir o estudo de Grbeša e Šalaj (2019), com alterações pontuais motivadas pelas limitações impostas pelo contexto de produção deste trabalho, são absorvidas as contribuições de Abi-Hassan (2019) para o estudo do populismo na América Latina. O autor empreende uma análise sobre os anos de Hugo Chávez à frente do poder na Venezuela à luz da literatura sobre populismo.

2.1 - PSDB em conflito, Doria em ascensão

Este trabalho analisa o contexto eleitoral de 2018 no estado de São Paulo, que colocou em embate João Doria Jr (PSDB), então ex-prefeito da capital, e Márcio França (PSB), governador em exercício. O pleito de 2018 em São Paulo guarda algumas particularidades que dão a esta análise uma maior relevância: nas três eleições anteriores, o PSDB de Doria e, à época, Geraldo Alckmin havia garantido o comando do Palácio dos Bandeirantes no primeiro turno; além disso, o partido venceu, no estado, todas as eleições que disputou desde 1994. Em 2018, no entanto, Dória elegeu-se governador com a chancela de pouco mais da metade dos votos válidos: sua porcentagem foi de 51,75%, fruto de uma campanha incerta até o último dia; na pesquisa do Datafolha publicada no dia anterior à eleição, o recall tucano não seria capaz de vencer a candidatura de Márcio França, que tinha 51% dos votos válidos contra 49% de Dória⁵.

5

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/27/datafolha-em-sao-paulo-votos-valido-s-franca-51-doria-49.ghtml>

Além disso, a campanha estadual de São Paulo em 2018 marca o rompimento entre uma ala outrora relevante, mas que atravessara um declínio político no PSDB e João Doria e sua ascensão: líderes históricos do PSDB, como Fernando Henrique Cardoso, foram reticentes ao crescimento da direita centralizada em Jair Bolsonaro; outras lideranças, como Alberto Goldman, integraram o Partido Comunista Brasileiro durante a juventude, por exemplo, e José Serra, mais uma figura histórica do partido, foi presidente da União Nacional dos Estudantes reprimido pela ditadura militar. O PSDB aglutinava os votos conservadores nas eleições da Nova República (AMARAL, 2020; PAIVA; KRAUSE; LAMEIRÃO, 2016; BORGES; VIDIGAL, 2018), de fato, mas é possível afirmar que sua semelhança com o PT, partido que assumiu alguma radicalidade em sua origem e caminhou à centro-esquerda no início do século, era maior do que a semelhança com o perfil da nova direita brasileira.

É intensificado o desentendimento entre Geraldo Alckmin, candidato escolhido pelo partido para a disputa da Presidência, e João Doria, seu afilhado político e adversário na disputa interna pela indicação na cabeça de chapa nacional do partido em 2018. Alckmin foi o sétimo filiado da história do PSDB e repetidamente governador do estado de São Paulo; em 2018, organizou em torno de si uma ampla aliança para a disputa da Presidência da República com uma coligação de 9 legendas, que lhe garantiu o maior tempo de TV dentre as candidaturas e uma promessa de crescimento rápido por conta da grande estrutura de campanha montada⁶.

A campanha presidencial de Alckmin dissolveu-se à medida que concretizava-se um segundo turno entre o candidato do PT, Fernando Haddad, e Jair Bolsonaro, que aglutinou os votos tradicionalmente concedidos ao PSDB (AMARAL, 2020); o PP, partido da candidata à vice-presidência de Alckmin, Ana Amélia, ainda em agosto convivia internamente com uma robusta ala favorável a Bolsonaro. Mais partidos foram se descolando da imagem estagnadora, do ponto de vista eleitoral, de Alckmin e se

6

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/08/26/com-quase-metade-do-tempo-de-tv-a-lckmin-diz-que-campanha-comeca-com-largada-do-horario-eleitoral-nesta-semana.ghtml>

aproximando de Bolsonaro. O candidato paulista acabou por ocupar o 4º lugar na disputa, concentrando 4,76% dos votos, o pior resultado do PSDB em eleições presidenciais.

As disputas internas e a mobilidade do eleitorado usualmente próximo ao PSDB para Jair Bolsonaro foram determinantes para uma mudança na capilaridade do partido em âmbito nacional. A estratégia de manter uma candidatura presidencial com pouca adesão custou uma redução na bancada da legenda na Câmara dos Deputados: em 2014, ano em que a chapa de Aécio Neves foi derrotada nacionalmente por uma curta vantagem pelo Partido dos Trabalhadores, o partido elegeu 54 deputados e tinha a terceira maior bancada da Casa; em 2018, o partido elegeu 29 deputados e passou a ocupar a nona posição na lista de maiores bancadas.

Havia, então, indicativos de que manter-se firme em um alinhamento com a Executiva Nacional do PSDB em 2018 poderia gerar riscos eleitorais; parte relevante do partido aderiu, de fato, a Bolsonaro durante a campanha, mas nenhuma dessas adesões foi tão política e midiaticamente significativa como a de João Doria. Doria passou a enxergar, ainda no primeiro turno⁷, o prendimento de sua imagem à candidatura de Alckmin como um empecilho para alavancar sua popularidade e acelerou acenos a pautas mais caras ao eleitorado de Bolsonaro, como a da segurança pública⁸, além de intensificar ataques ao Partido dos Trabalhadores e todo o campo da esquerda⁹.

A direita, que obteve relevantes vitórias em 2018, aglutinou-se em torno de Jair Bolsonaro (AMARAL, 2019); o caso de Wilson Witzel, no estado do Rio de Janeiro, segue lógica que guarda semelhanças com a campanha de Doria: o ex-juiz venceu as

7

<https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2018-aliados-de-geraldo-alckmin-suspeitam-de-alianca-secreta-d-e-doria-bolsonaro-23097587>

8

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/a-partir-de-janeiro-policia-vai-atirar-para-matar-afirma-joao-doria.shtml>

9

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/hoje-avesso-a-esquerdistas-doria-teve-boas-relacoes-com-pt-sob-lula.shtml>

eleições, prometendo, por exemplo, “um milhão de câmeras de segurança”¹⁰. A um mês do primeiro turno, Witzel tinha 1% das intenções de voto¹¹ e venceu a disputa com considerável vantagem no segundo turno. Nessa lógica de aglutinação de diferentes candidaturas à de Bolsonaro, o PSL, partido do candidato vencedor, recebeu 10,8 milhões a mais de votos em 2018 do que em 2014 para as eleições do legislativo; o partido partiu de 808 mil votos para 11,6 milhões entre uma eleição e outra. Partidos protagonistas nas disputas eleitorais da Nova República — PT, PSDB e PMDB — perderam votos. O pleito de 2018 guarda, também, outras particularidades: as eleições tiveram seu período de propaganda política autorizada reduzido de três meses para 45 dias; as estratégias eleitorais de outrora, portanto, não poderiam ser replicadas. Houve menos tempo para debates sobre propostas, trânsito de alianças, mudanças nas preferências do eleitorado e para a consolidação de uma imagem pública positiva.

2.2 - O antipetismo como discurso eleitoral

A compreensão do antipetismo e a dimensão que essa identificação partidária negativa alcançou em 2018 é fundamental para compreender o pleito desse ano. Amaral (2020) analisa números que facilitam a compreensão da dimensão do antipetismo enquanto força capaz de determinar votos. Em 2014, apontam os dados, eleitores antipetistas representavam 21% da totalidade dos eleitores; aqueles que eram pró-PT, por sua vez, representavam 17% do total. Em 2018, a diferença saltou de quatro para dezessete pontos percentuais: 27% eram antipetistas, 10% eram pró-PT. Esse número foi capaz de transformar o antipetismo na principal identidade partidária do país (AMARAL, 2020, p. 6).

A rejeição ao PT, ainda segundo os números analisados por Amaral, demonstrou ser um forte preditor do voto, tornando mais robustas as compreensões sobre identificação partidária negativa de Ribeirão, Carreirão e Borba (2016). O eleitor que rejeitava o PT

¹⁰

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/wilson-witzel-do-psc-e-eleito-governador-do-rj.ghtml>

¹¹ <https://www.estadao.com.br/infograficos/politica,witzel-da-ascensao-a-crise,1114399>

nos dois turnos tinha dez vezes mais chance de votar em Bolsonaro do que um eleitor que não rejeitava partido algum (AMARAL, 2020, p. 6). Os avanços de Amaral permitem inferir que Bolsonaro organizou em torno de si todo o campo político que rejeitava o PT, ofuscando o PSDB dentro das opções de voto antipetista. Nesse sentido, as prioridades do discurso de Doria — colocar-se como o candidato viável antipetista — indicam a tendência de se aproximar do grande aglutinador das preferências eleitorais antipetistas.

Denise Paiva, Silvana Krause e Adriana Paz Lameirão (2016) debruçaram-se sobre o fenômeno do antipetismo e buscaram entender o perfil do eleitor antipetista e do eleitor antipartidário de forma comparativa: as autoras identificam o eleitor antipetista, para além de região, gênero, raça e classe, como um indivíduo simpático ao PSDB no ano de 2016; em 2018, essas preferências se remodelaram, como exposto por Amaral: ser o candidato do PSDB, defendendo o legado do partido e sua candidatura à presidência não demonstrou ser um caminho eleitoralmente profícuo para candidatos que, como Doria, se identificavam à direita do PT. Em 2018, o robusto sentimento antipetista que vinha sendo gestado há anos (BORGES; VIDIGAL, 2018) e o vácuo gerado no campo oposto ao do Partido dos Trabalhadores criaram um cenário favorável a candidatos que rompessem não somente com o PT, mas também com o PSDB.

2.3 - A direita brasileira em 2018

Recuperando os resultados de Amaral (2020), agora analisando a autoidentificação do eleitorado entre esquerda e direita, colheram-se dados que indicaram uma volumosa reorientação à direita: segundo o ESEB, eleitores autodeclarados de direita aumentaram de 27% em 2014 para 43% em 2018. E o PSDB, nesse mesmo período, encolheu de 7% de preferência do eleitorado para 1%, ao passo que o PSL aglutinou 6% das preferências do público.

Naquele ano, a esquerda manteve relativamente coesas suas preferências, apesar de uma considerável queda do PT — cita-se que alguns grupos de eleitores são mais suscetíveis a estímulos de curto prazo, e em 2018 o sistema político organizava-se de modo a unir diferentes frações da direita e do centro para fazer oposição eleitoral ao PT, o que fragilizou o partido para além do retrospecto negativo de um impeachment, a crise econômica a partir de 2014 e os escândalos de corrupção de ampla repercussão na mídia e na opinião pública. A direita, por sua vez, fez um rearranjo completo de seu direcionamento eleitoral. Amaral exemplifica a força do antipetismo: esse grupo eleitoral já era relevante em 2014, com 21% do eleitorado declaradamente contrário ao partido. Em 2018, esse número cresceu para 27%, enquanto o PT encolheu de 17% das preferências do eleitorado para 10% (AMARAL, 2020).

Para ampliar as possibilidades de compreensão do discurso de Dória e propor com maior precisão palavras-chave para, em suas participações em debates televisivos, identificar escolhas retóricas potencialmente populistas, é preciso entender, para além da característica antipetista, o perfil do eleitor que Doria, ao se aproximar de Bolsonaro, buscava. Rennó (2020) mapeia as preferências temáticas do eleitor bolsonarista e, portanto, antipetista e alocado à direita do espectro político: este eleitor é essencialmente conservador, embora não seja homogêneo — o autor distingue o “núcleo” bolsonarista do eleitor que votou em Bolsonaro, mas não é, necessariamente, um apoiador estável do candidato.

Há seis *issues* principais utilizados para identificar o eleitor bolsonarista, já que, nesses temas, sua percepção tende a ser diferente de outros grupos de eleitores: o primeiro *issue* é uma postura conservadora diante de pautas que se relacionam com aspectos morais; a regulamentação do aborto, os direitos de pessoas LGBT e a defesa da inserção de valores religiosos na esfera da política; o segundo fator de distinção do eleitor bolsonarista dos demais é uma evidente pressão para punições mais severas para criminosos. Outro fator colocado pelo autor é a intensa rejeição à corrupção e a elevação deste problema político ao status de grande questão nacional. Também é

tema de bolsonaristas uma visão econômica favorável a privatizações; por fim, uma forte rejeição ao PT e a oposição a políticas sociais, aspecto que historicamente delega votos ao PT, são pontos que identificam o eleitor bolsonarista (RENNÓ, 2020). Todas estas indicações servem para, no discurso de Doria, mapear falas direcionadas a este público, com predominância para falas sobre segurança pública, tema levado ao centro da campanha de Doria, de acordo com os resultados do presente trabalho.

Ainda nesta pesquisa, Rennó identifica alguns outros indicativos do perfil do eleitor bolsonarista, que não está concentrado em uma parcela específica da população. O eleitor bolsonarista é difuso e a preferência pelo então candidato do PSL atravessa diferentes classes sociais, divisões raciais e religiões. Esse apoio, no entanto, teve especial ressonância entre eleitores mais pobres, menos educados e mais jovens no ano de 2018 (RENNÓ, 2020). É um erro, portanto, considerar que o eleitor de Bolsonaro estava localizado apenas nos estratos sociais que, na cronologia das eleições presidenciais, posicionam-se como antipetistas — cidadãos brancos, de renda elevada, majoritariamente paulistas (PAIVA; KRAUSE; LAMEIRÃO, 2016, p. 653). A vitória de Bolsonaro, nesse sentido, foi possível porque o eleitorado de direita ampliou suas possibilidades de inserção social, cooptando uma fatia do eleitorado muito cara ao programa petista: eleitores menos educados, jovens e mais pobres.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Busca-se, neste trabalho, reproduzir o estudo promovido por Grbeša e Šalaj. O caminho a ser percorrido passa pela conciliação entre as duas formas de compreensão da práxis populista a fim de criar uma escala que permita mensurar o quão identificado com cada uma dessas leituras está um político específico. É importante, na concepção dos autores, superar uma compreensão dicotômica da ideia de populismo entre estilo e ideologia. O caminho para isso é um desenho metodológico que, ao mesmo tempo, mede a incidência de populismo como ideologia e como estilo. Assim, para os autores,

é possível identificar populistas ‘reais’ e distingui-los de políticos que fazem uso de uma plataforma populista a fim de obter ganhos eleitorais (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 67).

Nos estudos conduzidos pelos autores, foi utilizado um método híbrido de pesquisa: na parte quantitativa, foram codificadas diversas entrevistas a jornais — optou-se por jornais, e não programas oficiais, a fim de encontrar revelações mais espontâneas do posicionamento político dos entrevistados — de candidatos a cargos eletivos na Croácia. Algumas palavras e frases-chave foram definidas e as aparições destes termos eram destacadas do restante do texto. Após a decodificação, os autores promoveram uma análise qualitativa dos termos destacados para avaliação seguindo um parâmetro de definição de populismo. O presente trabalho segue este caminho metodológico, embora substitua entrevistas de jornal por sabatinas e entrevistas realizadas durante o ano de 2018 disponíveis na internet. São contadas e expostas as menções de Doria a termos previamente estabelecidos como indicativos de enquadramentos populistas e de semelhanças com os *issues* bolsonaristas (RENNÓ, 2020). Após as contagens, é feita uma análise sobre a posição de Doria nas escalas propostas por Grbeša e Šalaj. A escala pode ser disposta da seguinte forma:

Enquadramento	Gradação	Critérios	Descrição
Pró-povo	0	pouco ou nada populista	Praticamente não utiliza ideias populistas, mesmo se expressar uma visão um tanto maniqueísta, não traduz uma vontade geral do povo, por exemplo.
	1	mediano	Possui fortes ideias e valores populistas, mas ou não o faz consistentemente ou mescla com partes não populistas, romantizando a vontade do povo e sem pregar o confronto direto com as elites ou referenciar mudanças sistêmicas.
	2	puro populista	Populismo completo e direto.

Anti-elites	0	pouco ou nada populista	Praticamente não utiliza ideias populistas, mesmo se expressar uma visão um tanto maniqueísta, não denuncia interesses escusos das elites.
	1	mediano	Possui fortes ideias e valores populistas, mas ou não o faz consistentemente ou mescla com partes não populistas, condenando interesses das elites sem opor diretamente às necessidades do povo.
	2	puro populista	Populismo completo e direto.

Foram escolhidos os seguintes encontros de Dória com jornalistas: uma sabatina realizada durante o mês de julho no programa “Pânico!” da Jovem Pan, à época uma emissora exclusivamente de rádio com inclinações à retórica bolsonarista (FREIRE, 2021) e que, durante o governo Bolsonaro, passou a ter um canal de TV também alinhado à agenda do presidente (COSTA, 2022). A escolha das participações de Doria na Jovem Pan busca observar como se comportou o candidato do PSDB em um veículo de comunicação de audiência próxima a Bolsonaro em diferentes momentos da campanha. Além da Jovem Pan, foi escolhida uma entrevista no quadro O Voto na Record do programa Balanço Geral São Paulo realizada no dia 25 de setembro, um programa com forte pauta sobre segurança pública, um *issue* do bolsonarismo e tema relevante nas eleições de 2018.

No segundo turno, foi escolhida uma nova sabatina na Rádio Jovem Pan na manhã do dia 8 de outubro, a data seguinte ao primeiro turno das eleições, com a confirmação da força de Jair Bolsonaro. Em seguida, uma entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, que acumula prestígio no jornalismo brasileiro e que carrega uma característica mais formal do que a utilizada em sabatinas na Jovem Pan, por exemplo, na noite do dia 15 de outubro, e, por fim, uma entrevista no programa Mariana Godoy Entrevista da RedeTV! a poucos dias do segundo turno, espaço em que se espera uma postura menos formal — e potencialmente populista — do que no programa Roda Viva. O espaçamento entre as datas das entrevistas — com a primeira data sendo de julho,

período em que o PSDB ainda concentrava-se na candidatura de Geraldo Alckmin à presidência e a última sendo nos dias finais da campanha — tem o objetivo de mapear possíveis mudanças discursivas de Dória à medida em que se aproximava a definição do pleito daquele ano, de acordo com o contexto eleitoral que cada uma das datas carregava.

Para isso, o trabalho destaca algumas palavras-chave ou sinônimos que foram encontrados nas falas de João Doria durante as sabatinas e analisadas qualitativamente de acordo com as gradações holísticas de Hawkins (2009). Assume-se que referências a ‘Lula’, ‘PT’ e ‘esquerda’ são apontamentos a elites. ‘Bandidos’, ‘Cadeia’ e ‘Família’, por exemplo, são termos que podem se encaixar em enquadramentos maniqueístas. ‘Bem’ e ‘trabalhador’, por sua vez, são localizados como possíveis enquadramentos pró-povo no discurso de Doria. A pesquisa empreendida por Grbeša e Šalaj (2019) absorve termos classificados como *significantes vazios*, que foram excluídos do escopo deste trabalho a fim de delimitar a amplitude da pesquisa. Ainda assim, para ampliação do conceito de populismo, vale definir os significantes vazios: são palavras, ideias ou frases que podem ser absorvidos positivamente por eleitores de diferentes espectros ideológicos, assumindo diferentes significados para cada receptor. São exemplos de significantes vazios palavras como ‘justiça’, ‘mudança’ e ‘esperança’ (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 75).

Para o caso de enquadramentos anti-elite, foram selecionadas as seguintes palavras-chave e seus derivados: *Lula; Esquerda; PT; Bandidos; Socialismo; Comunismo; e Corrupção*. Termos como ‘comunistas’ e ‘socialistas’ são exemplos de derivados que também foram absorvidos na análise.

Para o caso de enquadramentos maniqueístas, foram definidos os termos *Ameaças; Perigos; Bandidos; Família; Tradicional; Defender; Cadeia; Ladrão; e PCC*. Por fim, para o caso de enquadramentos pró-povo: *Família; Pai; Mãe; Trabalhador; Bem; e Povo*.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE TEXTUAL

No primeiro turno das eleições, embora a posição oficial do PSDB e de João Dória tenha sido o apoio à candidatura de Geraldo Alckmin¹², as entrevistas do candidato ao governo paulista tinham tom mais próximo do almejado pelo eleitor bolsonarista (RENNÓ, 2020) do que o presente no programa de governo de Alckmin¹³. Neste trabalho, trabalha-se com a hipótese de que a retórica de João Dória se aproximou mais dos *issues* e do discurso do bolsonarismo a partir do segundo turno, momento em que o candidato presidencial do PSDB estava fora da disputa e o apoio de Dória a Bolsonaro tornou-se explícito. Por isso, a fim de mapear com maior precisão a escalada populista no discurso do então postulante ao Palácio dos Bandeirantes, as análises textuais das entrevistas selecionadas serão divididas entre primeiro e segundo turno.

4.1 - Primeiro turno

A primeira entrevista selecionada ocorreu na Rádio Jovem Pan, na manhã do dia 11 de julho de 2018. Levantamento do IBOPE do mês de junho colocava João Dória (PSDB) e Paulo Skaf (MDB) com ampla vantagem sobre Márcio França (PSB): o pessedebista tinha 19% das intenções de voto; o emedebista, por sua vez, tinha 17%; Márcio França, na terceira colocação, tinha 5%. À Jovem Pan, no início da entrevista, Dória pressionava os jornalistas para falar sobre propostas, e não sobre seu histórico e licença da prefeitura de São Paulo para disputar o pleito.

¹²

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/na-reta-final-para-o-1o-turno-doria-endurece-discurso-e-se-bolsonariza.shtml>

¹³

https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000602477//proposta_1533849607885.pdf

Teve destaque, a partir do trabalho empreendido com a gradação holística, a postura de *outsider* de João Dória, que procurava, com constância, diferenciar-se dos demais políticos ditos “tradicionais”:

“Eu não sou político, não quero ser político e não quero ser carreirista [...] Serem imperadores é o que políticos tradicionais gostam [...] (DÓRIA, 2018)

A ideia de populismo é influenciada pela existência de candidatos *outsiders* em eleições, sobretudo quando se analisa o populismo de direita: na França, a direita foi tomada por populistas que emergiram como outsiders (Bornschier, 2019, p. 210), assim como o partido Republicano norte-americano, capitaneado por Donald Trump (RAHN, 2019). No Brasil, para Rennó (2020), as eleições de 2018, por conta do declínio dos partidos tradicionais da Nova República — PT, PSDB e PMDB —, sobretudo por conta de escândalos de corrupção desvelados ao longo da década de 2010, criaram um cenário favorável para candidatos *outsiders*, ou seja, candidatos anti-sistema. Nesse sentido, pode-se considerar que a estratégia de Dória ao se lançar como um candidato anti-sistema e *outsider* ainda em julho é um primeiro passo rumo a uma diferenciação entre a alternativa que ele apresenta e os candidatos do mainstream politics explorados por Grbeša e Šalaj (2019). Ainda para Rennó (2020), o eleitor brasileiro de 2018 insatisfeito com a condução das instituições — ou seja, um potencial eleitor de candidatos *outsiders* — inclinou-se para o voto em Bolsonaro (RENNÓ, 2020, pp. 18, 19).

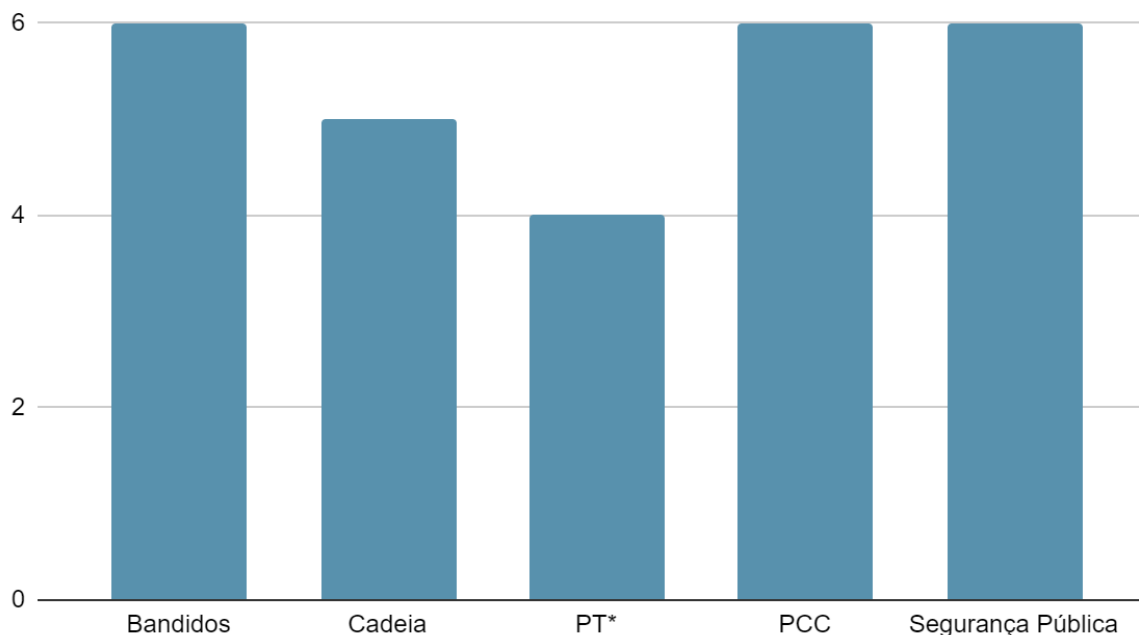
Na Jovem Pan, Doria fez uso recorrente de enquadramentos maniqueístas, segundo o quadro montado neste trabalho: foram seis ocorrências do termo ‘bandidos’ durante a sabatina e cinco ocorrências do termo cadeia — em frases como “polícia na rua e bandido na cadeia”. Além disso, em outros enquadramentos, foram citadas em duas oportunidades a sigla PT (e mais duas vezes o termo “antecessor”, fazendo referência a Fernando Haddad, prefeito de São Paulo anterior a João Dória e seu

opponente no pleito de 2016) e seis vezes a sigla PCC, em referência ao Primeiro Comando da Capital, facção criminosa que opera no estado de São Paulo. Essa escolha de palavras de Dória indica um protagonismo, em suas aparições públicas durante o período eleitoral de 2018, de falas sobre segurança pública. Esse é um *issue* fundamental para a concretização do padrão de comportamento de eleitores bolsonaristas (RENNÓ, 2020). A presença desses *issues* nas falas de Doria simboliza a aproximação retórica entre o candidato do PSDB e o então candidato do PSL.

Também é relevante, nessa entrevista, destacar a posição de João Doria em relação a Jair Bolsonaro. Sobre uma eventual aceitação de apoio vinda do candidato do PSL à presidência, foi dito:

“Não. Agradeço, mas declino. Eu não acredito em extremismos, nem de direita e nem de esquerda, acredito em um projeto central que não é o extremismo de Jair Bolsonaro [...] e acredito que a maioria dos brasileiros não queira isso. [...] Não é preciso empunhar armas e nem destruir as pessoas, destruir a economia e nem ‘venezualizar’ o país” (DÓRIA, 2018)

Citações de João Dória durante entrevista na Jovem Pan



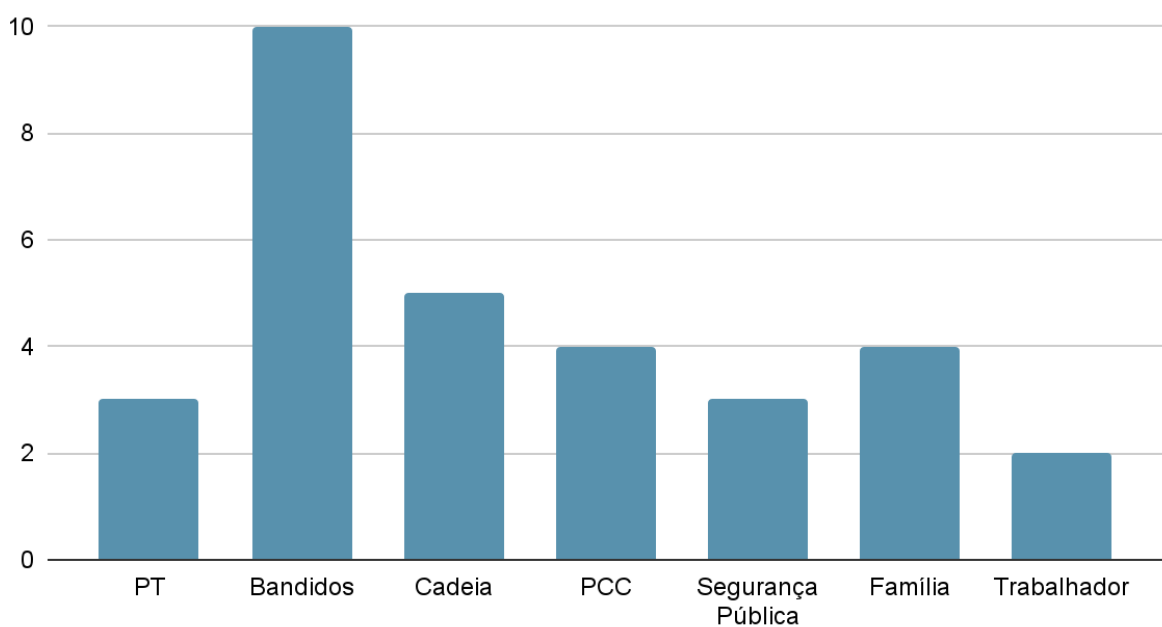
Dois meses adiante, no fim de setembro, a poucos dias do primeiro turno, João Dória foi à RecordTV e concedeu uma entrevista mais curta — com cerca de $\frac{1}{3}$ da duração da sabatina na Jovem Pan —, mas que contribuiu para localizar o posicionamento de Dória neste período das eleições. Em pesquisa Datafolha publicada no dia 28 de setembro, o pessedebista aparece com 25% das intenções de voto; Paulo Skaf detinha 22%; e Márcio França avançava, acumulando 14%. A ida ao segundo do turno do pleito era provável e Dória dava indícios de como seria seu comportamento na próxima fase das eleições. Nesse momento, a disputa nacional já estava cristalizada entre o candidato do PT, Fernando Haddad, e Jair Bolsonaro, do PSL.

Na ocasião, foram três menções ao PT, incluindo uma a Lula — “bandido não tem que ter saidinha [...] mais um legado do PT, do Lula, que, aliás, adora saidinha, adora o crime” (DORIA, 2018) —, denotando uma postura mais incisiva ao tratar da oposição à esquerda no plano nacional, e dez menções a bandidos, sendo duas utilizando o termo ‘traficantes’ e outras duas com o termo ‘chefes do tráfico’. Além

disso, foram cinco menções a ‘cadeia’, quatro a ‘PCC’, quatro a ‘família’, englobando os termos ‘filhos’ e ‘esposa’ e duas menções a ‘trabalhador’.

Nessa entrevista, embora com tempo reduzido, Doria ampliou as menções a tópicos estabelecidos neste trabalho para mensuração de populismo. A esta altura do pleito, a campanha de João Dória havia estabelecido Márcio França, que vinha crescendo nas pesquisas de intenção de voto, como um alvo preferencial, tentando colá-lo à imagem da esquerda e de Lula¹⁴. Em outro momento da entrevista, o candidato do PSDB endurece o discurso sobre segurança pública em relação à entrevista na Jovem Pan: “volto a repetir o que tenho dito: é polícia na rua e bandido na cadeia, e se bandido tiver coragem de enfrentar a polícia na rua, vai pro chão” (DORIA, 2018).

Citações de Doria durante entrevista à RecordTV



¹⁴ <https://br.noticias.yahoo.com/campanha-doria-ataca-m%C3%A1rcio-fran%C3%A7a-235500450.html>

4.2 - Segundo turno

Na manhã seguinte à data do primeiro turno, Doria concedeu entrevista à Jovem Pan em que confirmou indícios que dava desde, pelo menos, o início da campanha — o distanciamento da Executiva Nacional do PSDB, por exemplo — e declarou apoio “irrestrito”, como afirmou o próprio candidato, a Jair Bolsonaro. Seu discurso teve o objetivo de demarcar a distância entre o pessedebista e o campo da esquerda e uma tentativa de associar Márcio França a esse grupo que Doria rejeitou — chamá-lo de “Márcio Cuba” foi um exemplo (DORIA, 2018).

Foram treze citações a ‘PT’ e ‘petistas’, nove citações a ‘Lula’, doze citações a ‘esquerda’, duas citações a ‘fantoche’, uma referência a Fernando Haddad, então candidato presidencial do PT, que foi visto pela rede de apoio de Bolsonaro como um intermediário dos interesses de Lula, que estava encarcerado.¹⁵ Além disso, foram feitas duas citações a ‘socialista’ e uma a ‘comunista’. O termo ‘vermelhos’ foi citado duas vezes e ‘corrupção’ foi trazido por Doria em um momento. Geraldo Alckmin foi classificado por Doria como um ‘homem de bem’ em duas oportunidades.

Há, nessa entrevista, uma clara redefinição do tom discursivo de Doria, que faz apontamentos de forte teor anti-elites — com Lula e o PT representando ameaças. A entrevista de Doria, que durou quinze minutos, contabilizou ataques frontais a esses grupos que não estavam inseridos, nessa magnitude, em sua narrativa no primeiro turno. Não houve tentativa, por parte do candidato pessedebista, de fazer ponderações sobre segurança pública, tema presente em suas entrevistas no primeiro turno. Um exemplo desses apontamentos mais incisivos contra elites é a frase que mais se aproxima de uma linguagem populista em todos os textos analisados:

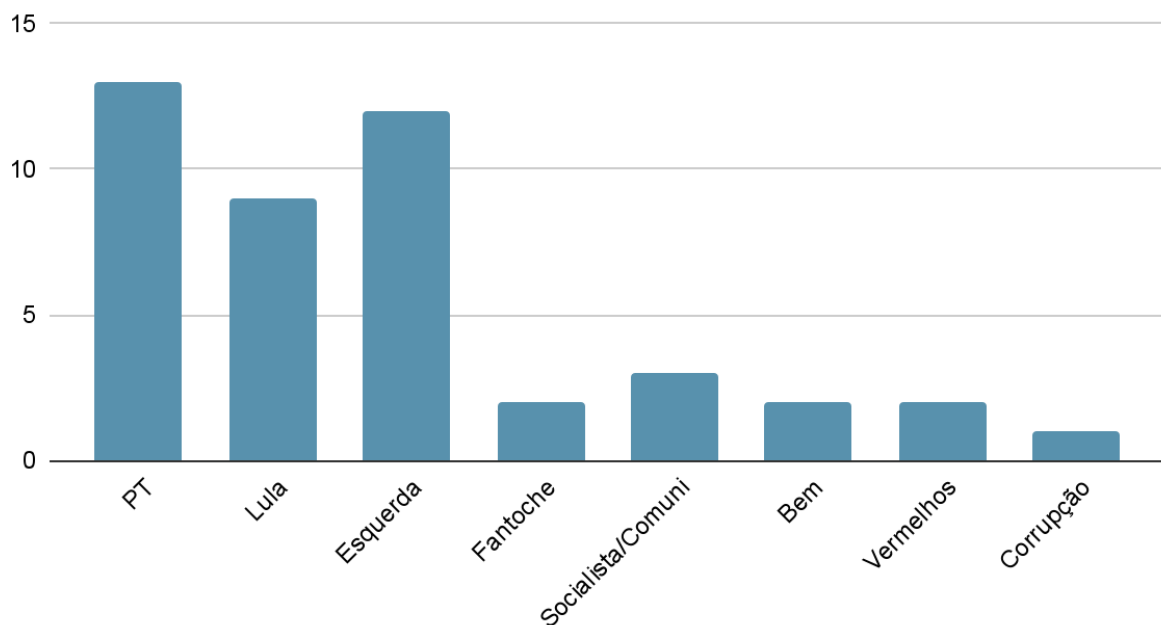
“Se você que nos ouve aqui na Rádio Jovem Pan confia que nós precisamos ter distância do PT, das esquerdas,

15

<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/04/na-tv-bolsonaro-restringe-ataques-a-pt-e-reefirma-que-haddad-e-fantoche.htm>

de comunistas, arrivistas e outros vigaristas, então avalie bem o seu voto [...] comigo as coisas são muito claras e muito objetivas, eu não fico em cima do muro. Sempre tive posição e continuarei a ter: essa nossa posição é muito clara contra o PT, contra o vermelho Márcio França e a favor do Brasil” (DORIA, 2018)

Citações de Doria durante entrevista à Jovem Pan - 2º Turno

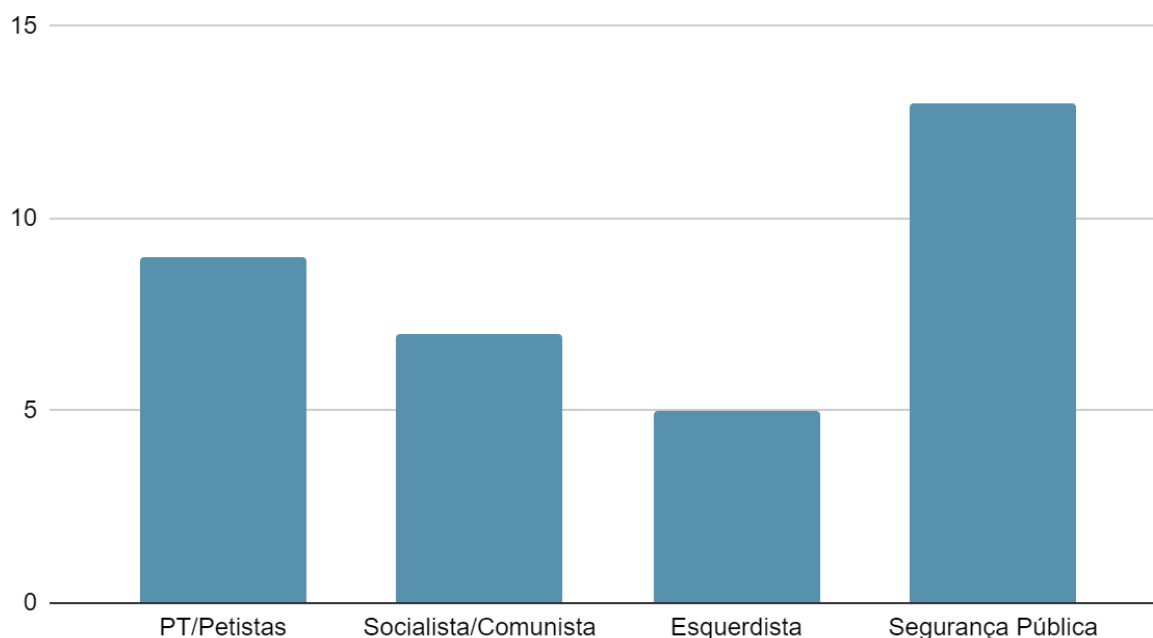


Em pesquisa IBOPE publicada no dia 17 de outubro de 2018, Doria tinha 53% dos votos válidos e Márcio França, por sua vez, tinha 47%, indicando uma estreita vantagem para o candidato do PSDB, tendo em vista a margem de erro de três pontos percentuais. A participação de João Doria no programa Roda Viva, da TV Cultura, importante programa de entrevistas brasileiro, aconteceu dois dias antes, no dia 15. Na entrevista, Doria manteve a estratégia de associação de França ao PT e à esquerda, de modo geral, buscando explorar a rejeição a esse campo político que, em 2018, foi um fator crucial para a escolha do voto (AMARAL, 2020). Em pouco mais de 40 minutos de entrevista, foram nove citações a ‘PT’ e ‘petistas’ — embora Doria não cite

'Lula', como usual — e sete citações a 'socialista' e 'comunista'; os termos 'esquerda' e 'esquerdistas' foram citados em cinco oportunidades.

Destaca-se, nessa entrevista, o retorno de debates sobre segurança pública, embora fazendo uso de retórica menos próxima de enquadramentos populistas de acordo com a gradação holística proposta por este trabalho: foram treze citações. Há uma diferença entre o discurso de Doria na TV Cultura e em sua entrevista à Jovem Pan no segundo turno: o apoio a Jair Bolsonaro, por exemplo, demonstra ser mais influenciado por uma posição antipetista e próxima a Paulo Guedes (DORIA, 2018) do que na sabatina na Jovem Pan, em que a aproximação de *issues* morais do bolsonarismo é mais evidente (RENNÓ, 2020). Chama atenção a reafirmação da característica *outsider* de Doria, que faz uma citação a 'políticos tradicionais' e outra a 'velhos políticos' no sentido de se diferenciar dessas categorias (DORIA, 2018).

Citações de Doria durante entrevista à TV Cultura



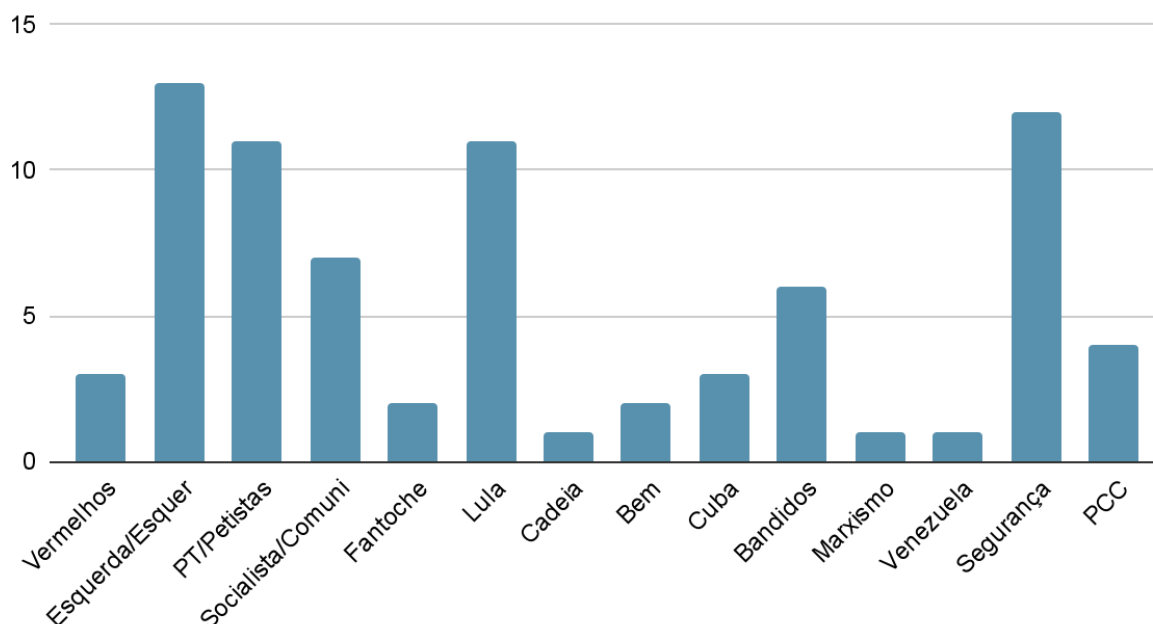
Na mesma semana, Doria foi ao programa Mariana Godoy Entrevista, da RedeTV!, participar de uma sabatina de quarenta minutos de duração. Na ocasião, fez

três menções a ‘vermelhos’, treze a ‘esquerda’ e ‘esquerdistas’, onze a ‘PT’, sete a ‘socialistas’, ‘socialismo’ e ‘comunismo’ e duas a ‘fantoche’. Doria citou, também, ‘Lula’ em onze oportunidades, ‘Cuba’ em três e ‘Venezuela’ em uma. O termo ‘bem’ foi citado duas vezes; ‘cadeia’, uma; e ‘marxismo’, uma. Houve doze citações a ‘segurança pública’, embora não tenham sido registrados enquadramentos populistas nessas menções. ‘Bandidos’, ‘traficantes’ e ‘chefes de tráfico’ são citados em seis momentos. ‘PCC’, por fim, foi citado em quatro momentos.

Foi mantida uma postura antipetista, com um elevado número de citações a Lula. O retorno do termo ‘fantoche’ às falas de Doria sinaliza uma aproximação com a retórica de Bolsonaro e, como nova inserção, tem-se as citações a países com governos de esquerda reprovados pela direita brasileira, como Cuba e Venezuela. Há uma citação que sintetiza o reforço da polarização promovido por Doria nessa entrevista:

“Olha, Fernando Haddad não é igualzinho ao PT, mas nessa eleição ele é o fantoche do Lula. Ele está ali a mando do Lula. Ele não tem comando próprio, ele obedece rigorosamente aquilo que o Lula manda ele falar ou fazer. Aliás, é um caso *sui generis* um país onde um candidato presidencial vai se consultar na cadeia pra saber o que fala, como se comporta, qual é a cor que vai utilizar [...] não é o Fernando Haddad, é o Lula travestido de Haddad [...] Márcio França é dissimulado [...] eu quero que Lula continue na cadeia e, se possível, apodreça na cadeia (DORIA, 2018).

Citações de Doria durante entrevista à RedeTV!



4.3 - Doria e as dimensões do populismo

O trabalho de Grbeša e Šalaj (2019) identifica o populismo a partir de três dimensões: a primeira mapeia referências à ideia abstrata de povo como um coletivo homogêneo e sujeito a um olhar positivo por parte do político populista. Esse povo promove uma insurgência, concentrada na figura do populista, contra inimigos. Nas entrevistas, não foram identificadas menções de Doria a essa categoria específica de povo que pudessem se enquadrar como discursos populistas — até mesmo as citações a ‘bem’, que faziam referência à figura de Geraldo Alckmin como um cidadão honesto, não tinham tom semelhante ao de usos do termo por Jair Bolsonaro (LIMA, LIMA; 2019); o candidato do PSDB não opunha, com clareza, povo e inimigos, e não eram realizadas identificações explícitas do pessedebista com esse grupo — Grbeša e Šalaj citam frases padronizadas, como ‘nós’, o povo’ e ‘eu e meus companheiros cidadãos’, a fim de exemplificar tentativas de identificação de políticos populistas com a premissa de aproximação da ideia de povo. Na primeira dimensão, portanto, o comportamento de João Doria enquanto candidato nas eleições de 2018 não acumulou elementos

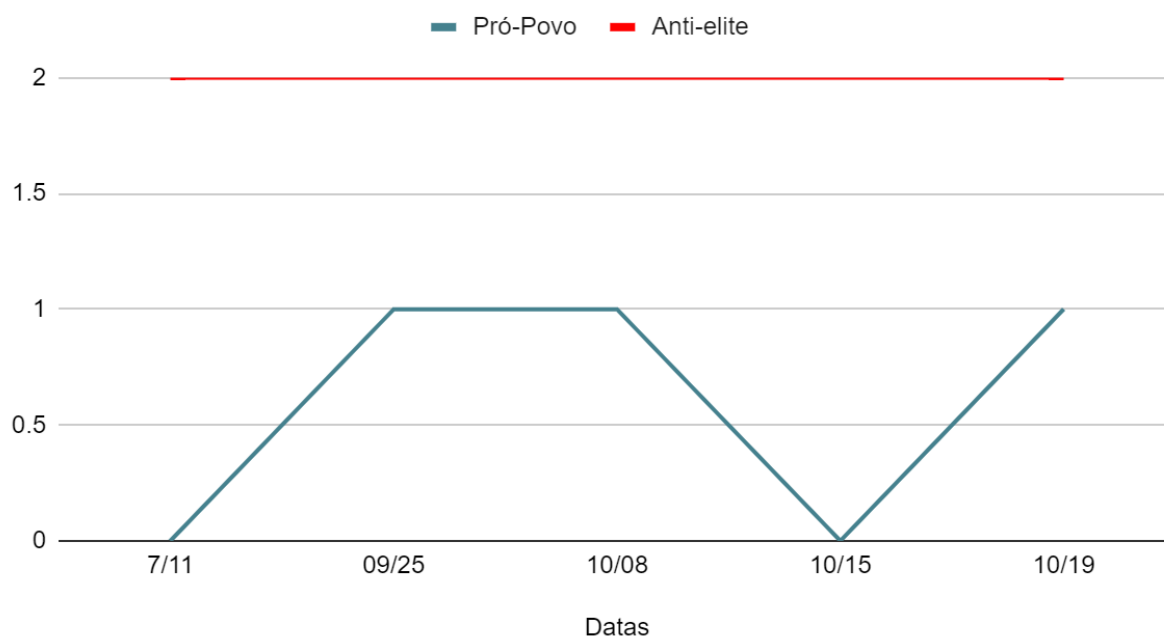
suficientes para enquadrar-se como populista, embora tenham havido menções a ‘eleitores’ e ‘você, eleitor’, como citam os autores ao fazerem referência a possíveis atitudes populistas. Doria não faz uso, também, de uma linguagem que Grbeša e Šalaj exploram como sendo *privatization of politics*, em que políticos citam sua própria família ou experiências pessoais que criem identificação com o eleitor (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 75).

Na segunda dimensão, por sua vez, são analisadas as atitudes de políticos em relação ao apontamento de elites políticas de acordo com suas conveniências. Doria explora, com amplitude, essa dimensão em todas as suas entrevistas. Se pode-se considerar o Partido dos Trabalhadores uma elite política — e, sobretudo em 2018, ano em que o antipetismo, que já era um relevante ativo eleitoral em eleições anteriores, concentrou-se em Jair Bolsonaro e sua órbita (AMARAL, 2019) —, Doria dedicou-se a apresentar-se como um contraponto a essa elite. Infere-se que a aproximação entre Doria e Jair Bolsonaro se dá pela convergência em dois pontos: o primeiro, pela política liberal centralizada em Paulo Guedes e corriqueiramente citada por Doria quando questionado sobre seu apoio ao então candidato do PSL; o segundo, pela aglutinação ao redor de Bolsonaro do antipetismo (AMARAL, 2019), que preencheu, em 2018, um vácuo de identificação presente entre os eleitores que compartilhavam sentimentos partidários negativos pelo PT (BORGES; VIDIGAL, 2018, pp. 79, 80).

À medida em que o antipetismo colou-se à imagem de Bolsonaro — fenômeno cristalizado no segundo turno, quando as opções eleitorais se restringem ao PT e ao PSL — Doria passa a vocalizar com maior frequência seu despreço pelo Partido dos Trabalhadores e pelo campo da esquerda, de modo geral, e, por consequência, se aproxima de Bolsonaro. Ao comparar a participação de Doria na RecordTV, no fim de setembro, e na Jovem Pan, em outubro, com um intervalo de aproximadamente duas semanas entre as duas, nota-se diferenças claras em seu discurso: em sabinas de duração semelhante, Doria fez três menções a ‘PT’ na Record, onde pediu voto em Geraldo Alckmin, e treze na Jovem Pan, somando-se às nove citações a ‘Lula’ e doze a ‘esquerda’. Doria, nas ocasiões, não se identifica como um bolsonarista, mas como um

antipetista. Essa postura contribui para o fortalecimento de sua posição na segunda dimensão do populismo: ao rejeitar uma elite política — a da esquerda — e acenar para Bolsonaro condicionando seu apoio ao cumprimento de uma agenda liberal e ao compromisso com o antipetismo, Doria reforça sua posição de *outsider*, condição comum ao populismo do século XXI (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 75). O gráfico abaixo ilustra a gradação de populismo nas entrevistas analisadas com base na escala exposta na seção de metodologia deste trabalho:

Gradação de Populismo nas entrevistas de João Doria



Há, também, uma terceira dimensão explorada pelos autores: a presença, nos discursos de políticos, de referências a 'outros perigosos', que não são, necessariamente, populistas, mas representam ameaças ao coletivo homogêneo que o político populista visa proteger. Embora menos frequentes na narrativa de Doria — haja

vista que ‘esquerda’, ‘PT’ e ‘Lula’ foram classificados como elites neste trabalho — as referências a socialismo, comunismo, Cuba e Venezuela feitas pelo candidato pessedebista pode ser interpretada como referências a ‘outros perigosos’. Ampliando sua definição: são grupos sociais que representam ameaças à homogeneidade do povo idealizado. Não chegam a ser elites, mas ameaçam a tomada do poder pelo ‘povo puro’ (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 69).

Para os autores, a presença de ‘outros perigosos’ na retórica de políticos não configura uma obrigatoriedade para que sejam considerados populistas, sabendo que há pouca teorização sobre os limites da concepção desse grupo e porque há a possibilidade de ser populista sem encaixar-se nesse enquadramento. Assim, essas identificações servem para diferenciar subtipos de populismo: no caso de Doria, a oposição a temas caros à esquerda e regimes inseridos nesse espectro político o confirmam como um potencial populista de direita (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 76).

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO

A gradação holística empreendida neste trabalho não identificou enquadramentos do discurso de Doria em uma perspectiva *people-centered* que fossem suficientes para indicar uma retórica efetivamente populista. As citações de Doria com uma linguagem mais próxima do coloquial ou fazendo referências diretas ao ‘povo’ — que não foi citado em nenhum momento, embora tenham sido citados equivalentes como ‘eleitores’ — não foram vistas como elementos robustos o bastante para defini-lo como populista, que, para os autores, precisa necessariamente de menções pró-povo claras para enquadrar candidatos como populistas (GRBEŠA; ŠALAJ, 2019, p. 75). Ainda assim, foram identificados relevantes posicionamentos anti-elites nas entrevistas selecionadas, como exposto nos gráficos presentes no

trabalho, que mapearam recorrentes menções ao Partido dos Trabalhadores, à esquerda e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no sentido de estabelecer distância e diferença entre Doria e esse grupo político atacado.

Se o ideário centralizado na aproximação entre povo e candidato — a referida dimensão *people-centered* do discurso populista — compõe o *core* do populismo, Doria, ao menos nas sabatinas selecionadas, não cumpre requisitos fundamentais para ser enquadrado como populista. Há exceções evidentes: na entrevista concedida à Jovem Pan, no dia seguinte ao primeiro turno das eleições, o pessedebista dá declarações como “se você que nos ouve na Rádio Jovem Pan confia que nós precisamos ter distância do PT, das esquerdas, de comunistas, arrivistas e outros vigaristas, então avalie bem o seu voto” (DORIA, 2018), frase que pode ser enquadrada na primeira dimensão explorada por Grbeša e Šalaj (2019), mas o padrão discursivo desta colocação não é verificado com recorrência em outras oportunidades.

Há uma imprecisão metodológica no trabalho dos autores, que não chegam a delimitar até que ponto um discurso coloquial ou uma tentativa de comunicação direta entre candidato e eleitor é ou não populista, delegando esta distinção à gradação holística que, no presente trabalho, não identificou falas que cumprem os requisitos para se encaixar na dimensão *people-centered* do populismo, sobretudo quando postas ao lado de falas anti-elite, que tiveram, por sua vez, uma intensa recorrência nas entrevistas analisadas..

A amostragem selecionada para levantamento e análise de dados — cinco entrevistas concedidas durante a pré-campanha e a campanha eleitoral de 2018 — não tem o objetivo de encerrar a análise sobre a retórica de Doria em 2018, com necessária menção ao reduzido número de entrevistas selecionadas, e, com as condições estabelecidas pela metodologia de Grbeša e Šalaj (2019), não identificou todos os elementos necessários para classificar Doria como um populista, seja na possibilidade de um populismo estilístico — isto é, uma tentativa de aproximação do político com o

eleitorado através de atalhos discursivos —, seja na ideia de um populismo como, de fato, uma ideologia.

Caso o recorte fosse feito com a análise de propagandas eleitorais ou de participações em debates televisivos, outros resultados para a posição de João Doria em uma escala de populismo seriam possíveis, haja vista o tom combativo de Doria reconhecido nos debates de TV daquele ano¹⁶. Essa observação chama atenção para uma possível mudança nos resultados de pesquisas feitas utilizando o método de Grbeša e Šalaj (2019) de acordo com as amostras selecionadas, o que pode torná-lo menos confiável. Além disso, o uso da gradação holística (HAWKINS, 2009), apesar de seguro para a análise qualitativa de discursos políticos, é sujeito ao embate de compreensões de diferentes pesquisadores; nesse sentido, as conclusões deste trabalho devem ser ressaltadas como o resultado de uma pesquisa individual que poderia ser induzida a diferentes interpretações se conduzida por outros cientistas.

O método, por sua vez, abre lacunas para a compreensão dos limites do populismo: mesmo uma forte incidência de enquadramentos anti-elite e referentes recorrentes a ‘outros perigosos’ não foram suficientes para classificar Doria como inteiramente populista, embora essa característica de atuação política seja potencialmente danosa à democracia liberal. O populismo é compreendido por Luis Felipe Miguel (2021, p. 15) como a “ameaça aos preceitos liberais e o declínio do respeito a eles como o prenúncio do ocaso da democracia”. Assim, mesmo que algumas das características da definição de populismo — o ataque a elites e as citações a *dangerous others* — estejam amplamente presentes no discurso de Doria e essa incidência potencialize riscos à democracia, o populismo enquanto campo de estudo e análise, de limites incertos, não as engloba com plenitude.

16

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/doria-e-franca-retomam-ataques-em-ultimo-debate-antes-do-2o-turno.shtml>

CAPÍTULO 6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABI-HASSAN, Sahar. Populism in Venezuela: the role of the oposition. The Ideational Approach to Populism: concept, Theory, and Analysis. Diversos autores. Routledge, 2019.

AMARAL, Oswaldo E. do. The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018. Bras. Political Sci. Rev., v. 14, n. 1, e0004, May. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202000010004>

ASLANIDIS, Paris. Measuring populist discourse with semantic text analysis:an application on grassroots populist mobilization. In: Qual Quant (2018) 52:1241–1263. <https://doi.org/10.1007/s11135-017-0517-4>

AZEVEDO, Dilvan. A COMUNICAÇÃO POPULISTA ONLINE: análise das estratégias de comunicação política dos principais candidatos à presidência do Brasil no Facebook durante as eleições de 2018.

BORGES, André, & VIDIGAL, Robert. (2018). Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, 24(1), 53-89.

BORGES, Juliana Fratini. Ação comunicativa e contemporaneidade: caso da campanha para prefeito de São Paulo em 2016. Dissertação de mestrado. PUC/SP - 2019.

BORNSCHIER, Simon. Populist success in Latin America and Western Europe: ideational and party-system-centered explanations. *The Ideational Approach to Populism: concept, Theory, and Analysis*. Diversos autores. Routledge, 2019.

COSTA, Ana Clara. A Jovem Pan e o Golpe. *Revista Piauí*, São Paulo. 2022. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jovem-pan-e-o-golpe/>>

DORIA, João. Entrevista concedida à Rádio Jovem Pan. São Paulo, 11 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=npvqgpAd8Sw>>

DORIA, João. Entrevista concedida à RecordTV. São Paulo, 25 de setembro de 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KPBanVJb_Cl&ab_channel=RECORDTV>

DORIA, João. Entrevista concedida à Rádio Jovem Pan. São Paulo, 8 de outubro de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Z84E6N8b0GI>>

DORIA, João. Entrevista concedida à TV Cultura. São Paulo, 15 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CnkDaBJxRnk&ab_channel=RodaViva>

DORIA, João. Entrevista concedida à RedeTV!. São Paulo, 19 de outubro de 2018. Disponível em <<https://rss.carros.uol.com.br/videos/index.amp.htm?id=joao-doria-assista-a-integra-da-sabatina-no-mariana-godoy-entrevista-04028C983370D4A96326>>

FERES JÚNIOR, João; GAGLIARDI, Juliana. Populism and the media in Brazil: The case of Jair Bolsonaro. In: *The Politics of Authenticity and Populist Discourses*. Palgrave Macmillan, Cham, 2021. p. 83-104.

FREIRE, S. Bolsonaro deu 135 entrevistas exclusivas desde a posse; Jovem Pan é a mais atendida. Poder360, São Paulo. 2021.

GIDRON, N., & BONIKOWSKI, B. (2013). Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda. Weatherhead Center for International Affairs, Harvard University, Working Paper Series, N. 13-0004, pp. 1-38.

GRBEŠA, Marijana. ŠALAJ, Berto. Textual Analysis: an inclusive approach in Croatia. *The Ideational Approach to Populism: concept, Theory, and Analysis*. Diversos autores. Routledge, 2019.

HAWKINS, Kirk (2009). 'Is Chavez Populist?: Measuring Populist Discourse in Comparative Perspective', *Comparative Political Studies*, Vol. 42.

JAGERS, Jan; WALGRAVE, Stefaan. Populism as political communication style. *European journal of political research*, v. 46, n. 3, p. 319-345, 2007.

LIMA, I.C.C; LIMA, E.C.A. A retórica do “cidadão de bem” no discurso de Jair Bolsonaro. *Periódicus*, Salvador, n. 12, v.1, nov.2019-abr.2020 – Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Núcleo

de Pesquisa NuCuS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844 –
Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>

MIGUEL, Luis Felipe. Despolitização e antipolítica. *Argum.*, Vitória, v. 13, n. 2, p. 8-20, maio/ago.2021.

PAIVA, Denise, KRAUSE, Silvana, & LAMEIRÃO, Adriana Paz. (2016). O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. *Opinião Pública*, 22(3), 638-674.

RAHN, Wendy. Populism in the US: the evolution of the Trump constituency. *The Ideational Approach to Populism: concept, Theory, and Analysis*. Diversos autores. Routledge, 2019.

RENNÓ, L. (2020). The Bolsonaro Voter: Issue Positions and Vote Choice in the 2018 Brazilian Presidential Elections. *Latin American Politics and Society*, 62(4), 1-23. doi:10.1017/lap.2020.13

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. (2016). Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. *OPINIÃO PÚBLICA*, Campinas, vol. 22, no 3, dezembro, 2016. 603-637.